

A NOÇÃO DE PESSOA¹ NO DISCURSO
DE PACIENTES
PSIQUIÁTRICOS²

Branca Telles Ribeiro (IPUB -UFRJ)

Diana de Souza Pinto (UFJF/ PUC-Rio / IPUB - UFRJ)

Maria Tereza Lopes Dantas (PUC-Rio / IPUB -UFRJ)

RESUMO

Esse artigo visa a investigar diferentes concepções de *Pessoa* (Duarte, 1983) no discurso de pacientes internados em uma instituição psiquiátrica. Insere-se no arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional, a partir do qual dois enquadres interacionais (Bateson, 1972; Goffman, 1974, 1981; Tannen & Wallat, 1993) são observados. O primeiro indica alinhamentos que resultam de valores holistas, enquanto no segundo encontram-se alinhamentos inseridos em uma configuração de valores individualistas (Dumont, 1983). A análise evidenciou dois diferentes princípios que orientam a construção e a negociação de sentido presentes nos diversos espaços terapêuticos da instituição. No primeiro, observou-se a concepção de pessoa hierárquica e, no segundo, a noção de pessoa moderna.

Palavras-chave: psiquiatria, *Pessoa*, discurso, enquadre.

1. INTRODUÇÃO

A seguinte interação ocorre na enfermaria de um hospital psiquiátrico. Trata-se de um encontro entre uma paciente internada e uma pesquisadora³:

Eva:⁴ qual é o seu nome mesmo?^[acc]

Diana/Diana./

Eva: querida Diana, pelo sangue de Jesus eu clamei a Deus que me tirasse daqui hoje, hoje eu recebi minha alta. ... glória a Deus, aleluia.

o santo santo santo do céu. só ele é digno de toda a honra,
toda a glória e todo o louvor. ...

[cantando]

tu és senhor:: abso:luto::,

[cantando]

tudo que existe acontece, tu: sabes muito bem::

[cantando]

tu és tremendo::

....

Diana: mas você conseguiu lá resolver seu problema? ...

Eva: eu- ah é. eu queria te falar que eu estou de alta, pelo sangue de Jesus.=

Diana: =ah, que bom::

Vários contextos de interlocução ocorrem neste curto segmento. Esses contextos, ou enquadres interacionais, sinalizam como as participantes entendem e postulam “o que está acontecendo aqui agora” em termos da comunicação em curso. Observamos um encontro entre Eva e Diana justaposto a um outro encontro projetado por Eva entre ela e o Senhor (“tu es senhor absoluto”), no qual Diana permanece como uma observadora não ratificada. Diana reinsere-se em cena através de um pedido de informação “mas você conseguiu lá resolver seu problema?” que também sinaliza um pedido de ratificação, mudando novamente o enquadre interacional.

Este jogo de enquadres ocorre na fala do dia a dia a todo o momento (Ribeiro & Garcez, 1998). Portanto, não se restringe ao universo do hospital psiquiátrico, muito ao contrário. A elaboração de múltiplos contextos interacionais em conversas, histórias, entrevistas, nos permite situar de forma indireta o contexto de fala. Estes enquadres também ancoram como o falante se posiciona, ou se alinha, ou se orienta com relação ao que expressa, bem como com relação ao seu interlocutor (ou interlocutora) e a si mesmo. Esses alinhamentos, orientações ou posicionamentos foram denominados por Goffman de *footing* (Goffman, 1981; Ribeiro & Garcez, 1998). Consideramos este conceito relevante para abordar a noção de *Pessoa* que retrataremos neste artigo. Veremos que *Pessoa* indica um posicionamento sócio-histórico frente a uma estrutura social, ora indicando uma natureza mais *totalizadora e hierárquica*, ora tendendo mais a uma natureza *individualista e moderna*.

A concepção de *Pessoa* tem sido objeto de estudo de cientistas sociais em diferentes áreas do conhecimento (Mauss, 1974; Duarte, 1983; Russo, 1993, entre outros). Os estudiosos abordam essa noção como um construto social, tendo diferentes representações de acordo com a cultura na qual é produzido. Por outro lado, o discurso tem sido o lugar que reúne pesquisadores advindos da sociolinguística, da psicologia social, da antropologia etnográfica, da sociologia conversacional, entre outras. Através da análise do discurso de interações em uma instituição psiquiátrica, a partir do arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982, 1992; Tannen, 1984, 86, entre outros), objetivamos examinar duas noções distintas de *Pessoa* que se revelam nas falas de seus participantes. Nosso estudo centra-se na noção de *Pessoa* encaminhada nas

Ciências Sociais por Duarte (1983), Russo (1993) e Salem (1992), como veremos a seguir.

1.1. O HOLISMO E O INDIVIDUALISMO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE PESSOA

Estudiosos das Ciências Sociais têm discutido a concepção de indivíduo, observando que esta não é universal mas localizada na cultura ocidental enquanto valor central da sociedade moderna. Portanto, o conceito de indivíduo traduz as qualidades fundamentais da cultura e da sociedade moderna através da afirmação da autonomia e da liberdade do indivíduo como ser social. Um dos primeiros estudos abordando o caráter social da concepção de indivíduo foi realizado por Marcel Mauss ([1938]1974). Mauss trabalhou este conceito a partir da construção de uma história social da noção de “pessoa”, analisando como esta produz e é produzida segundo a própria organização das sociedades em que se insere. Para tal, Mauss focalizou as representações sociais construídas e compartilhadas pelos membros de uma mesma sociedade através das quais definem o que é “pessoa”, sendo esta uma categoria social complexa.

Seguindo a argumentação de Mauss, Dumont (1983) retoma a discussão acerca da construção social de *Pessoa* e propõe dois sistemas ou configurações de valores diferenciados nas organizações sociais: o holismo e o individualismo. As sociedades holistas estruturam-se a partir de uma hierarquia, na qual cada integrante da sociedade não tem existência autônoma, sendo orientado por uma organização que se constrói na totalidade. Assim, a *Pessoa*, nas sociedades holistas, constitui-se como parte de outras unidades maiores que mantêm entre si uma relação de hierarquia ou complementaridade com unidades do mesmo nível, até se diluírem na totalidade social. No holismo, o sagrado se impõe como valor estruturante da *Pessoa* hierárquica. Segundo Salem: “... a configuração de valores cimta-se em torno de uma consideração normativa abarcante – geralmente consubstanciada na religião – que engloba, de modo hierárquico, todos os outros níveis da vida social” (1992).

Por outro lado, a sociedade *moderna* se fundamenta na noção de *Pessoa* como *indivíduo*, constituindo-se a partir dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, dessacralizando o universo e afirmando a racionalidade. O valor indivíduo é o pilar da sociedade moderna e de suas instituições, rompendo com a homogeneização que o sagrado impunha à vida social e passando a coexistir “... tantos bens quantos povos e culturas”, segundo Dumont (1983). A *Pessoa* individualista funda-se no livre arbítrio, possuindo regras de conduta segundo sua consciência moral e individual: “Nasce, assim, o indivíduo no sentido moderno da palavra: um ser reconhecido como portador de direitos originários e inalienáveis (posto que supostamente fundados na natureza humana), anterior ao fato social e juridicamente senhor de si mesmo”.

Sociedades holistas e individualistas são tipos de configurações ideais de valores presentes na maioria das sociedades contemporâneas, marcadas por um caráter híbrido e paradoxal. Russo (1993) descreve a face paradoxal da noção de *Pessoa* individualista. A autora destaca que a representação moderna de indivíduo se firma na sua capacidade de ser tanto autônomo quanto dotado de instâncias que lhe “escapam” à consciência, o que gera uma “concepção paradoxal” de *Pessoa* no valor indivíduo, no qual convivem “a autonomia e a indeterminação”. Duarte (1983) comenta que esta construção paradoxal de *Pessoa* individualista revela como o pensamento moderno se estrutura na tensão entre negar o discurso da transcendência e afirmar novos discursos que despontam com “uma certa nostalgia totalizante”.⁵

Procurando integrar estas questões que derivam do campo da antropologia e da sociologia ao instrumental analítico próprio da micro-análise do discurso, analisaremos interações entre pacientes internados no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Nestas interações, procuraremos observar como os/as participantes evidenciam, nas suas falas, diferentes noções de *Pessoa*, indicando, nestas construções de sentido, dois enquadres interacionais distintos: o primeiro apresenta alinhamentos que derivam de valores holistas; o segundo, alinhamentos inseridos em uma configuração de valores individualistas. Diferentes construções de sentido são sinalizadas e negociadas, ora em competição, ora em coordenação.

2. O CONTEXTO DA SITUAÇÃO

O Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma instituição psiquiátrica de ensino e pesquisa que dispõe de diversos recursos institucionais no tratamento aos pacientes: internação em enfermaria, atendimentos em ambulatório e hospital-dia. Oferece aos pacientes variados contextos terapêuticos: oficinas de corte e costura, salão de beleza, sessões de musicoterapia, oficina da palavra, entre outros. A instituição promove o desenvolvimento de pesquisas visando à ampliação do conhecimento sobre a doença mental, criando, assim, um novo contato com pacientes psiquiátricos nos espaços de pesquisa.

Os dados analisados derivam de conversas gravadas em áudio nos vários contextos terapêuticos do Instituto de Psiquiatria. Derivam também de notas de campo realizadas ao longo de três meses em que a pesquisadora Diana Pinto freqüentou a enfermaria feminina (Pinto, 1995). São interações entre pacientes internados ou entre paciente(s) e pesquisadora. Nestas conversas, diversos temas são tratados, destacando-se, por sua freqüência, a referência àqueles discursos que chamaremos inicialmente da ordem do religioso.

Selecionamos duas interações nas quais duas participantes apresentam-se discursivamente segundo as concepções de *Pessoa* descritas anteriormente, quer sejam, a noção de

Pessoa hierarquizada e a noção de *Pessoa* individualista. Teremos a oportunidade de analisar também o que acontece quando ambas as concepções de *Pessoa* enunciadas pelas duas participantes entram em conflito.

3. A INTERAÇÃO NA ENFERMARIA: UMA CONVERSA ENTRE DIANA E EVA

A interação diádica transcrita abaixo ocorre no pátio da enfermaria feminina⁶, onde circulam pacientes, enfermeiras, médicos, psicólogos, entre outros profissionais envolvidos na assistência. Diana encontra-se sentada em um banco no pátio como de hábito quando Eva, com quem interagira diversas vezes, aproxima-se e comunica-lhe:

querida Diana, pelo sangue de Jesus!
[aproxima-se do microfone, acelerando a fala]
eu clamei a Deus que me tirasse daqui hoje.
hoje eu recebi minha alta. ... glória a Deus, aleluia.
o santo santo santo do céu. só ele é digno de toda a honra,
toda a glória e todo o louvor. ...

Em interações prévias, a paciente Eva explicitara à pesquisadora o desejo de obter sua alta hospitalar e deixar a instituição. Relata, pois, esta informação (“hoje eu recebi minha alta”), inserindo-a, porém, no discurso religioso (“eu clamei a Deus que me tirasse daqui hoje”). Observamos a seqüência pedido/resposta/reconhecimento ou agradecimento no relato dos atos “eu clamei”, “eu recebi”, que levam ao reconhecimento do sagrado “glória a Deus”, “aleluia”. Esses atos (ou o seu relato) são próprios deste tipo de discurso.

Ao longo desta interação, Eva apresenta-se como alguém cuja existência e destino são resultados de um desígnio divino, da ordem do transcendente que tudo comanda:

o santo santo santo do céu. só ele é digno de toda a honra,
toda a glória e todo o louvor. ...

Observaremos que esta será a tônica do comportamento discursivo de Eva. Posiciona-se enquanto comandada e subalterna, ao evocar as qualidades exclusivas de Deus (“soberano”, “absoluto”, “tremendo”). Os seus atos de fala acompanham sua adjetivação pois, ao Ser Todo Poderoso, Eva dirige suas evocações, agradecimentos e elogios.

Na fala de Eva, as qualidades divinas apresentam-se como ainda mais enaltecidas, na medida em que Ele se importa com todos os elementos vivos da natureza indistintamente, sejam da ordem do ser humano (“tu te importas comigo também”), dos animais (“e até com o pardal e os pássaros”) ou até das flores (“tu faz mais lindo os lírios dos campos”), como no segmento abaixo:

Diana: mas você conseguiu resolver seu problema? ...

Eva: eu- ah é, eu queria te falar que eu estou de alta, pelo sangue de Jesus.=

Diana: =ah, que bom:... ..

Eva: tá? ...

Diana: então alguém da tua família vem te buscar? [hoje?

Eva: [já- já veio agora,

[dec]

foi em casa, (1.5) pelo sangue de Jesus, o voto que eu fiz ao meu Senhor,

[aproxima-se do microfone do gravador]

[acc]

que você- que eu sou dele, pra honra e glória do nome dele, ...

vou voltar pro meu apartamento, junto com os meus filhos. ...

passsei a prova que Joel passou .. mas Deus diz ..

[acc]

“bem aventurado é o obreiro que é provado pelo fogo, ...

[dec]

e é aprovado, ... porque- ele é bem aventurado. ...”

A referência ao Deus ordenador, que se confunde com Jesus na representação hierárquica (“pelo sangue de Jesus”), encontra-se presente até mesmo quando Eva introduz no discurso elementos de um determinado mundo individualista através da noção de propriedade e diferenciação (“vou voltar pro meu apartamento, junto com os meus filhos”). A volta para o seu mundo privado (seu apartamento, seus filhos) apenas ocorre condicionada a uma aprovação pelo ente superior/transcendente. Neste sentido, parece assumir a concepção de que o indivíduo, quando detentor de um espaço e identidade próprios, só pode vivenciá-los após a experimentação da prova e o seu conseqüente sucesso (“passei a prova que Joel passou”), a superação da “obra”, através do sacrifício:

“bem aventurado é o obreiro que é provado pelo fogo, ...

[desacelerando a fala]

e é aprovado, ... porque- ele é bem aventurado. ...”

Cabe destacar que Eva engaja-se numa construção discursiva cujo objetivo precípua é persuadir o outro acerca da pertinência do seu sistema de crenças. Para isso, emprega algumas estratégias de envolvimento de natureza sociolinguística que lhe permitem ocupar a posição de destaque de porta-voz das palavras divinas:

“bem aventurado é o obreiro que é provado pelo fogo, ...

[desacelerando a fala]

e é aprovado, ... porque- ele é bem aventurado. ...”

Para Tannen (1989), quando falamos, empregamos estratégias para criar ao mesmo tempo sentido e envolvimento com o outro. Vejamos, então, quais são as estratégias empregadas por Eva para criar este envolvimento com a sua interlocutora, Diana:

O uso da repetição

Através da repetição por assonância (“toda”, “tu”), de vocábulos (“santo santo santo”), de frases (“tu és tremendo / tu és tremendo”), e de expressões (“pelo sangue de Jesus”, “glória a Deus”), Eva cria um ritmo próprio do qual deriva um envolvimento, “uma ligação emocional que (...) sente, e que (a) vincula a certas *peçoas*, cenas, lugares e memórias”, conforme assinala Tannen (1989).

A repetição é uma estratégia de envolvimento que ao mesmo tempo cria um ritmo familiar para ambas as participantes e enquadra a informação a partir da perspectiva de Eva, ou seja, a partir de sua concepção de *Pessoa* como subordinada aos desígnios divinos. A repetição configura-se como forte instrumento linguístico, comunicando que está de alta *porque* passou por todas as provas a que foi submetida pelo todo poderoso.

O uso do canto

Ao longo dos dois exemplos apresentados, observamos um segmento em ritmo de canto. De acordo com Oliver Sacks (citado em Tannen, 1989), a música tem uma função central no pensamento humano na medida em que evoca lembranças, cenas e memórias que trazem um sentimento de unicidade ao indivíduo, até mesmo quando a cognição apresenta-se comprometida.

Eva utiliza com eficácia esta estratégia, aqui e em outras interações em diferentes contextos. É através de jogos rítmicos e cantos que Eva adquire um status diferenciado no grupo de internos no hospital, sendo freqüentemente apontada pelos demais como “aquela que canta bem”, “a que é afinada”. Na Oficina da Palavra,⁷ fora capaz de captar e sustentar a atenção dos demais participantes (por volta de dez) através de seu canto, sempre, segundo ela mesma, “para Jesus, por Jesus”. Nesta interação, o canto (que ela “criou agora”, “compôs agora”) ratifica uma vez mais o seu dom que é aqui empregado no alinhamento com Jesus/Deus. É através dele que agradece, e ao mesmo tempo se aproxima do “senhor absoluto”, “tremendo e soberano”, aquele de quem fora objeto de preocupação e atenção.

A fala construída

A terceira estratégia de envolvimento que ancora o discurso persuasivo diz respeito à fala reportada, ou, segundo Tannen (op. cit.), o diálogo construído. Esta estratégia caracteriza-se fundamentalmente pela transposição da fala de outrem enunciada em uma outra construção discursiva em um outro contexto espaço-temporal, para a interação em curso.

Assim, a simples transposição de um enunciado e o conseqüente encaixe em uma nova situação de elocução caracteriza-se enquanto um movimento conversacional ativo e genuíno, que transforma por si só a natureza da elocução. Este movimento de transformação expressa uma nova relação entre aquela que agora enuncia (Eva) e o novo contexto, de um lado, e o elocutor primário e o que dissera originalmente, de outro. Tannen cunha esta estratégia retórica de “diálogo construído”, seguindo o que Bakhtin (1986) já preconizava ao dizer que “qualquer texto é a absorção e transformação de outros”.

Observamos que quando Eva diz:

“bem aventurado é o obreiro que é provado pelo fogo, ...
[desacelerando a fala]
e é aprovado, ... porque- ele é bem aventurado. ..”

Eva enuncia as palavras de Deus (“mas Deus diz”). Ao transpor para o seu discurso as palavras do ente maior no seu sistema de crenças, Eva transforma a interação de diferentes maneiras. Inicialmente atribui a si mesma a posição de porta-voz da fala divina e, enquanto tal, reivindica o caráter inquestionável de verdade para sua fala. Ao se apresentar como aquela “que passou pela prova que Joel passou”, ela também se alinha a Joel enquanto “o bem aventurado, o provado/aprovado pelo fogo”. A relação imutável bem aventurado/provado, a partir de então, também se aplica a ela.

Cabe destacar que esses recursos de envolvimento (o uso da repetição, o canto e a fala construída) remetem fundamentalmente às próprias estratégias empregadas pelo gênero discursivo maior, o discurso religioso que ancora a pregação de autoridades, particularmente no que diz respeito aos crentes. A repetição, tanto de assonâncias quanto de expressões e elocuições, são freqüentemente emolduradas pelo canto e pelo encaixe de palavras que foram proferidas pela figura emblemática de Jesus/Deus. *É a utilização destas estratégias retóricas que ancora, no discurso, este sistema de crenças e a conseqüente noção de Pessoa hierárquica que dele deriva.* Neste sentido, Eva desempenha com extrema competência a missão de propagar as palavras divinas.

O discurso produzido a partir de elementos religiosos surge em muitos contextos institucionais e terapêuticos, como veremos a seguir, nas interações analisadas em uma sessão de musicoterapia.

4. A INTERAÇÃO NA SESSÃO DE MUSICOTERAPIA

As sessões de Musicoterapia têm como objetivo “avaliar a organização do pensamento, estimular a consciência corporal, temporal e espacial, aumentar a auto-estima, a confiança e a valorização do paciente (...)” (Nick e Aleixo, 1991: 31). Essas atividades clínico-assistenciais são desenvolvidas semanalmente em uma sala da instituição onde os pacientes juntam-se a musicoterapeutas para cantar e tocar músicas, selecionadas por

aqueles. Ao final de cada sessão, a terapeuta encarregada elicit dos participantes suas impressões a respeito do trabalho desenvolvido. Nesta fase da avaliação, o tema — pertinência das músicas de Igreja na Musicoterapia — emerge, tornando-se o referente a ser tratado. Duas posições distintas e conflitantes são expressas:

a) aquela que considera que “musicoterapia num é pra cantar música de igreja”, enunciada inicialmente por Luisa, por ser considerado aquele “um momento de alegria” expressa novamente por Mário, e reiterado por Paula, “essas músicas de igreja é pra reflexão”;

b) aquela que considera lícito cantar “músicas de igreja” na medida em que, com aquelas músicas, “eu me solto” expressa por Carlos e ratificada por João.

Entretanto, a diferença entre ambas as posições se acirra e caminha para uma polarização crescente com a entrada de Eva na interação, afirmando inicialmente uma *posição racional* (“cada um tem o seu espaço”), mas contrastando no final de sua elocução com a *posição tradicional* (“Jesus é que tem o poder de te apontar e te alegrar”).

A partir de então configura-se uma disputa acerca do tema que, na verdade, evidencia um confronto entre as duas concepções de *Pessoa*, evocadas pelas suas porta-vozes emblemáticas. Eva, representante legítima da noção de *Pessoa* derivada das sociedades hierarquizadas, segunda a qual Deus ordena, unifica e totaliza a existência daqueles que nele crêem, dando sentido às suas existências; e Paula, cujo centro norteador do comportamento humano é a razão, a faculdade exclusivamente humana de agir sobre o mundo, personificando, então, a concepção de *Pessoa* moderna, cuja fragmentação e cisão parecem encontrar relativo assentamento na busca do auto-conhecimento.

Passemos a analisar então os elementos lingüísticos e discursivos utilizados pelos participantes na construção desta interação e de que maneira estes recursos consubstanciam as respectivas visões de *Pessoa* em questão. Fundamentalmente percebemos que tanto Paula quanto Eva expressam suas crenças segundo estilos conversacionais distintos (Tannen, 1984; Tannen, 1989). Não só apresentam idéias diversas sobre o tema a ser tratado como também enunciam-nas de maneira diferentes. Já descrevemos o estilo de envolvimento de Eva; portanto, vamos nos restringir ao estilo de Paula, lembrando, no entanto, que a todo momento ocorre uma co-construção discursiva, ou seja, o falar de Paula é corroborado pelo alinhamento de sua interlocutora ou interlocutor.

Vejam, então, a postura racional de Paula. Ao longo de toda a sua construção discursiva, Paula atribui a si a posição de mediadora/entrevistadora, utilizando, para isso, argumentos racionais. Apresenta, portanto, um discurso centrado em uma descrição de eventos (sobre as sessões de musicoterapia) que presenciou, ou seja, apresenta o seu testemunho:

“primeira vez que eu vim,
achei super interessante o trabalho que vocês tão fazendo.”

incluindo uma série de detalhes, de maneira coesiva e coerente:

“a pessoa vai se soltando”,
“(a pessoa) vai se expandindo”
“(a pessoa) vai dando ritmo ao mesmo”
“(a pessoa) volta ao normal, ao cotidiano dela”

Essa enumeração de detalhes segue a lógica de uma progressão e de retorno a um estado de normalidade (“se soltando”, “se expandindo”, “dando ritmo”, “voltando ao normal, ao cotidiano”). Constitui uma série de asserções no veio sócrático (representações de um estado de coisas, resultado de observações específicas). A seleção vocabular de Paula é particularmente interessante pois nos revela um eu cindido, fragmentado, característico do indivíduo moderno que procura, através de uma busca interior, atingir uma totalidade e uma autonomia sobre si já não mais possíveis. São expressões reflexivas como “me soltei”, “se expandindo”, “se soltar”. Esta fragmentação, que se estabelece na discussão dos temas “religião” e “música de igreja”, evoca a liberdade individual e preserva a expressão particular de cada um no grupo:

deixa eu dar um aparte, ... nem todo mundo é cristão.

.....

... cada um cantou, teve a sua parte aqui.

.....

ninguém cortou você.

Ao longo deste segmento, Paula fornece ponderações racionais, postulando a existência de posicionamentos divergentes (próprios da lógica do individualismo):

“nem todo mundo é cristão”

E contrabalança com avaliações pessoais positivas do trabalho desenvolvido, avaliações essas que se contrapõem àquelas apresentadas por Eva no discurso da transcendência:

“trabalho sério”
“gostei”
“me soltei bastante”
“todo mundo se deu bem comigo”

Além de indagar explicitamente o motivo ou razão da escolha do seu interlocutor(a), Paula é aquela que procura maior especificação ou clareza no discurso da outra:

Paula: e você tem qual religião?
Eva: minha religião é Jesus Cristo.
Paula: mas você participa de qual movimento de igreja?
Eva: =a vida é uma doutrina, bíblia não tem doutrina.
Paula: mas você () mas você foi doutrinada sozinha?
Eva: não. Jesus que é o nosso guia.
Paula: então, mas alguém te guiou, você pegou a bíblia e tá se doutrinando e passou dessa palavra ()?

Para Paula, o comportamento humano parece derivar, sobretudo, das ações do homem sobre o mundo de acordo com sua vontade, a partir do primado da razão, fundamental em nossa sociedade (“você participa”, “você pegou a bíblia”).

A cada pergunta de Paula, calcada nas ações do sujeito e no primado da lógica:

e você tem qual religião?
mas você participa de qual movimento da igreja?
mas você () mas você foi doutrinada sozinha?
então, mas alguém te guiou, você pegou a bíblia e tá se doutrinando e passou dessa palavra ()?

Eva responde com a sua lógica da transcendência, segunda a qual todos somos iguais perante a Deus, desde que sejamos cristãos, a quem tudo pode (“curar”, “construir”, “fazer compreender”):

minha religião é Jesus Cristo.
=a vida é uma doutrina, bíblia não tem doutrina.
não Jesus que é o nosso guia.
é ... a gente ele disse que quem vem a mim, jamais eu lançarei fora.

As asserções de Eva postulam um distanciamento (ausência de pronomes de 1ª e 2ª pessoas e uso de fala construída) e contrastam com as indagações de Paula centradas na sua interlocutora (“você”) e na situação de interlocução, sinalizando uma argumentação pessoal.

Eva e Paula protagonizam, portanto, uma disputa verbal que vai ganhando adesões de diferentes participantes da sessão de musicoterapia. Paula, com um estilo retórico “metralhadora” (Tannen, 1984), introduz rápidos apartes e inúmeros detalhes, explicitando que aquela atividade é para “se soltar”, “se expandir”, “voltar ao normal”. Este enquadre interacional encontra-se também presente nas falas de dois outros participantes

(Luisa, “é (um momento) de distração” e Mário “é um momento para todo mundo jogar”, “é um momento de alegria”).

Eva tem em Carlos e João escudeiros que com ela se alinham. Carlos afirma (“eu fiquei triste quando me cortaram e disseram que aqui não é lugar para música de igreja”), fala que é ratificada por João (“eu também fiquei triste”). Carlos explicitamente ratifica Eva em vários momentos (“isso”, “o templo é Jesus”, “a gente somos da igreja”, “ele é nosso Salvador”, “Deus é amor”), empregando o recurso retórico da repetição para comunicar a sua mensagem. Eva prossegue utilizando argumentos impessoais nos quais os referentes ao mundo religioso são variadamente selecionados (bíblia, Jesus Cristo, guia) para sublinhar a subordinação de nossas ações aos desígnios divinos.

É interessante assinalar que os aliados de Paula progressivamente desistem do argumento. Mário inclusive fez menção de deixar o recinto, ato evidenciado pelo pedido de Paula (“pera um pouquinho Mário”), enquanto que aqueles que se alinham com Eva cada vez mais colaboram para o fortalecimento de sua porta-voz.

Se tivéssemos que apontar uma vencedora para esta disputa, parece-nos razoável considerar que Eva, ao utilizar os instrumentos que fundamentalmente constituem o seu estilo conversacional, consegue criar uma atmosfera de comprometimento emocional para com aquele sistema de crenças que, naquele contexto, parece ser o mais contundente e persuasivo. Enquanto Paula indaga, Eva afirma. Portanto, o seu estilo de alto envolvimento — permeado de cantos e rimas, repetições e fala construída — vai ao encontro das expectativas da maioria dos participantes da sessão de musicoterapia. Resulta que o estilo conversacional de Paula, seguindo uma lógica de argumentação racional, encontra menos respaldo do grupo.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos apresentar, de forma sucinta, a contribuição da micro análise do discurso para consubstanciar questões apontadas por teóricos na antropologia cultural, especificamente nos trabalhos Duarte (1983) e Russo (1993). Parece-nos que os paradoxos presentes na noção de *Pessoa* moderna encontram-se claramente expressos nos discursos de Eva e Paula.

Tanto Paula quanto Eva expressam suas crenças segundo estilos conversacionais distintos. Não só apresentam idéias diversas sobre o tema a ser tratado. Enunciam-nas de maneira diferente: empregando um universo vocabular próprio, apresentando diferentes papéis discursivos, e até mesmo utilizando recursos paralingüísticos (entonação, pausas, ênfase, canto) para destacar, de maneira específica, determinados segmentos de suas elocuições. O estilo conversacional de Eva encontra maior adesão do grupo que oscila entre apoiá-la e ratificá-la explicitamente ou alienar-se da situação interacional, retirando-se da atividade terapêutica e do recinto.

Já Paula encontra menos ratificação do grupo. Devemos assinalar contudo que o comportamento discursivo de Paula — que em nada difere de outras interações das quais participou (Pinto, 1996) — tem uma função crucial no contexto institucional do hospital psiquiátrico. Ao postular para si a posição de mediadora/avaliadora, utilizando o primado da razão como eixo condutor das ações humanas, Paula mais uma vez distancia-se discursivamente *da figura do louco desprovido de razão*, e alinha-se com aqueles que mantêm intacta a faculdade humana mais fundamental. Assim, coloca-se como “*outsider*”, reiterando esse papel repetidas vezes ao longo da internação, através da elocução “também já vou sair.” No mundo murado do hospital, a postura de estrangeira lhe permite conviver com os comportamentos bizarros que presencia, fornecendo uma solução temporária para viver aquilo que considera um paradoxo: “como é que pode a pessoa tá boazinha numa hora e na outra não dizer coisa com coisa?”. A análise das interações evidenciou, então, a projeção de diferentes concepções de *Pessoa* presentes nas falas de Eva e Paula em diversos contextos terapêuticos dentro de uma instituição psiquiátrica.

Notas

¹ A noção de *pessoa* foi introduzida por Marcel Mauss ([1938] 1974: 211) que a definiu como a produção social de “eu” na história das sociedades, ou seja, como as sociedades têm elaborado a concepção de “eu” a partir das estruturas sociais que a abarcam, segundo costumes e valores sócio-culturais.

² Uma versão deste estudo foi apresentada na XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia realizada na Universidade Federal do Espírito Santo em 1998.

³ A pesquisadora, Diana Pinto, integra o projeto de pesquisa “Contexto e Coerência no Discurso Psicótico” em andamento no Instituto de Psiquiatria da UFRJ desde 1994 (CNPq/FAPERJ). Este projeto conta com a participação de profissionais formados na área da lingüística e da psicologia.

⁴ Todos os nomes (exceto da pesquisadora) são pseudônimos.

⁵ Ritos sociais também apontam para a coexistência na modernidade das noções de *pessoa* derivadas do holismo e do individualismo. Analisando estas concepções na sociedade brasileira, Roberto da Matta (1978) assinala como certos ritos desvelam o “esqueleto hierárquico que sustenta a sociedade brasileira e seus traços hierárquicos”. Gilberto Velho (1981) também mostra como a sociedade brasileira se organiza em um processo de negociação de realidade realizado nos modelos hierárquico e individualista. Produz-se, assim, uma tensão nas interações sociais, onde indivíduos tendem a negociar dicotomias permanentemente.

⁶ A partir de 1997, as duas enfermarias da instituição tornaram-se mistas. O novo critério para alocação de pacientes passa então a ser a gravidade do quadro psiquiátrico apresentado durante a internação.

⁷ Semanalmente, os pacientes das enfermarias e do ambulatório trazem seus escritos, contos, poesias etc, discutem temas sugeridos pelos mesmos, desenvolvem conversas onde tematizam suas experiências de vida e suas relações com a doença mental, mediados por uma coordenadora, com formação em Serviço Social e Psicanálise.

CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO

..	pausa observada ou quebra de ritmo da fala, com menos de meio segundo
...	pausa de meio segundo, medida com cronômetro
....	pausa de um segundo
(1.5)	números entre parênteses indicam a duração da pausa acima de um segundo, durante a fala, medida com cronômetro
.	descida leve sinalizando final de enunciado
?	subida rápida sinalizando uma interrogação
,	subida leve (sinalizando que mais fala virá)
-	parada súbita
:::	alongamento da vogal (um maior número dois pontos indica maior alongamento)
<u>sublinhado</u>	ênfase
/palavras/	fala em voz baixa
()	transcrição impossível
=	dois enunciados relacionados por = indicam que não há pausa na fala
[acc]	fala em ritmo acelerado (na linha acima do enunciado)
[dec]	fala em ritmo desacelerado (na linha acima do enunciado)
[]	várias características da fala (ex. canto), indicadas na linha acima do enunciado
[]	informação não verbal, indicada na linha abaixo do enunciado
[]	fala justaposta

Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. (1986). *Speech genres and other late essays*. Texas: University of Texas Press.
- Da Matta, R. (1978). Você sabe com quem esta falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Duarte, L. F. (1983). O culto do eu no templo da razão. Três ensaios sobre pessoa e modernidade. *Boletim do Museu Nacional* 41. Nova Série, 2-67.
- Dumont, L. (1983). *Essais sur l'individualisme – une perspective anthropologique sur l'ideologie moderne*. Paris: Seuil.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis*. Boston: Northeastern University Press.
- _____. ([1981]1998). Footing. B.T. Ribeiro e P. Garcez (org.), *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: AGE.
- Mauss, M. ([1938]1974) Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de “eu”. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 210-223.
- Nick, E. & Aleixo, M. (1991). *Musicoterapia em hospital dia – reflexões sobre uma proposta em Saúde Mental*. Mimeo, Conservatório Brasileiro de Música.
- Pinto, D. S. (1995). *A percepção da loucura: análise do discurso de pacientes internadas em uma instituição psiquiátrica*. Dissertação de mestrado em Letras Anglo-Germânicas, UFRJ.
- Pinto, D. S. (1996) A noção de coerência: uma perspectiva interacionista na análise do discurso de pacientes do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. *Cadernos IPUB* (3) 141-157.
- Ribeiro, B. T. & Garcez, P. (eds.) (1998). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE.
- Russo, J. (1993). *Indivíduos e transcendência: algumas reflexões sobre as modernas religiões do eu*. Mimeo.
- Salem, T. (1992). A despossessão subjetiva: dos paradoxos do individualismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 7 (17).
- Tannen, D. (1984). *Conversational styles*. Norwood, N. J.: Ablex.
- Tannen, D. (1989). *Talking voices. Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Velho, G. (1981). Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira. In *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.